



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjeneres

ANO II — N. 36
Publica-se aos sábados

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1918

REDAÇÃO
RUA DO SENADO, 215-217
Telefone — Central 1499

Nossas lutas

A luta suscitada no Centro Cosmopolita, em torno das eleições para a nova administração é uma consequência naturalíssima da evolução intelectual a que estão sujeitos os indivíduos que se agrupam, almejando a conquista de um bem-estar futuro, estabelecidos previamente os meios de que vão servir-se para esse fim, tendo em conta que esses meios não podem e não devem tomar uma feição definitiva, devido a que têm que ser modificados de acordo com as imerjencias momentaneas.

Ninguém pôde contestar que as necessidades materiais, morais e artisticas dos trabalhadores, vão aumentando de acordo com o seu desenvolvimento intelectual.

Ora, a mentalidade proletaria evolue continuamente, e a par dessa evolução, muito naturalissimamente, aumentam todas as necessidades dos trabalhadores.

Quem pôde negar essa verdade historica? O Centro Cosmopolita, na sua fundação foi a expressão do estado intelectual dos indivíduos que o fundaram, ou da classe, naquela epoca. Hoje, porém, somos distanciados 15 anos dessa data, e quem ignora que a classe tem evoluído consideravelmente?

Desde a greve de 1912 que se vem notando no seio da nossa classe o desenvolvimento de forças novas que não podem ser detidas por nenhum metodo estabelecido. Elas seguirão a sua marcha inalteravel porque vão em demanda do progresso, vão procurando a vida ampla e equitativa na sociedade humana. Desde aquela data até 1915, não se manifestou francamente a luta entre as duas tendencias que fracionaram os que militavam no Centro. Foi na greve declarada em julho desse ano que se accentuou a diverjencia entre os que pretendiam encetar uma nova era de lutas, encarando dezassombadamente a situação, e os que queriam continuar inativos na defeza dos interesses coletivos, preferindo antes suas comodidades, do que cumprir com o seu dever.

Desde essa data começou a fazer-se sentir uma reação sistematica a todos os directorios aburguezados e compostos de indivíduos imbuidos de uma educação jenuinamente autoritaria, que pretendiam amordaçar a palavra daqueles que proclamavam o advento de uma era nova, e queriam com os seus conhecimentos preparar a classe para a conquista de um pouco mais de bem-estar. Sabia bem a minoria opozicionista que havia necessidade de libertar a classe da secular tirania patronal, entretanto primeiramente era preciso liberta-la da influéncia de preconceitos perniciosos que a impossibilitavam de movimentar-se. Foi essa a primeira medida e, por que não dizê-lo?... de otimos resultados.

Uma opozição intelijentemete orientada remodelou comple-

tamente os nossos costumes associativos e fez modificar a atitude ezibizionista de muitos companheiros jenuinamente conservadores. Primeiro fazer consciencias e depois congrega-las, empregando a força, rezultante dessa medida, na defeza dos interesses jerais. Era esse o intuito dos que revolucionaram os nossos costumes associativos. Pois bem, essas campanhas eram sempre mantidas por um numero muito insignificante de camaradas convencidos, incansaveis na propaganda da sua doutrina renovadora.

O resultado desse esforço, não somos nós que devemos proclamar-lo. A classe sabe como vivia, e conhece sobradamente a despreocupação com que sempre os antigos orientadores trataram as prementes necessidades coletivas. Dessa campanha intensa mantém-se permanentemente pela minoria ativa do Centro, rezultou como consequencia lojica o encontro inevitavel e talvez decizivo das duas tendencias: uma a que defende o programa massimo das conquistas coletivas, como sejam a continuação da campanha encetada, estabelecendo algumas victorias já obtidas, e preparando a classe para novas conquistas; outra que defende o programa minimo das reivindicacões sociais da classe, isto é, que olha carinhosamente para um passado de baixezas, de humilhações denigrantes e pretende retroceder.

Conhecemos perfeitamente o estado de adiantamento intelectual em que se encontra a classe e não duvidamos do resultado de seu procedimento. Note-se, procedimento esse, que deve estar em concordancia com os interesses da classe.

A tendencia conservadora é actualmente constituída por companheiros, uns despeitados, outros facilmente sujestionaveis, sem ideias nem convicções, que não tem escrupulos em cambar-se para qualquer uma das duas correntes em luta.

As eleições que se devem realizar sabado, 20 do corrente, vão decidir a luta. Isto devido a que os conservadores, que são, por assim dizer, os desorganizadores actuais de uma obra nova, não se haverem convencido da esmagadora derrota que sofreram.

Que a decissão da classe confirme a evolução historica da mentalidade proletaria, é o que fatalmente sucederá, pezar da grita insuportavel dos falidos para a vida progressiva.

PRODUTOR E CONTRIBUINTE

O efeito principal das guerras é variar as linhas de fronteiras nas cartas jeograficas e modificar as côres desses mapas.

O camponez das margens do Reno ou do Pô só será francez no papel. Agora, embora se troquem de nomes e o indijena da Manchuria tenha na janela de seus governantes uma bandeira chinesa, japoneza ou russa, alemã ou ingleza, deixa de ser o mesmo homem? Não. Sob qualquer bandeira, sob qualquer governo, será o mesmo que tem sido sempre: produtor e contribuinte.

Camilo Flamarión

A REVOLUÇÃO RUSSA

(VISTA POR UMA FRANCEZA)

Esse é o titulo de um livro palpitante de actualidade, devido á pena brilhante de Marylie Markovitch (pseudonimo de Madame Amelie de Nery). Venho de lê-lo e estou encantado... A autora é uma poetiza e jornalista que durante seis mezes assistiu ao esplendido movimento revolucionario iniciador da nova era humana; e no-lo conta dia a dia, desde a sua irrupção até as vesperras da queda de Kerensky, o heroico pulha.

Que pena não nos vir o resto!... Enfim... enquanto não chega o relato de melhor fraze da magnifica epopéa contentem-se os leitores d'O COSMOPOLITA com acidez dos mais emocionantes episodios desse primeiro lance da luta, que para estas columnas transportarei, todos as semanas, fielmente traduzidos.

Cumpr-me advertir aos camaradas que a senhorita de Nery é dama da «alta roda», intima de figurões da Corte Russa e da elite burgueza, e, portanto, suspeita para nós.

Dito isso, e na falta de informante mais idoneo, hai vai o prologo do seu livro.

Avila

Petrogrado, 17 — 3— 917.

«Acaba de estalar a Revolução em Petrogrado e varias outras cidades russas. Todos os espiritos clarividentes a esperavam. Mas ninguém a supunha tão proxima.

Durante estes ultimos mezes — tal como em França em 1789 — a jente tinha a impressão de «danzar sobre um vulcão». Apesar dos acumulados, apesar das cruéis deficiencias no abastecimento da cidade, a despeito mesmo dos rigores dum inverno terrivel, uma ancia louca de prazeres se havia apossado dos habitantes de Petrogrado.

Escandalozas fortunas se edificaram em algumas semanas (1) Confiando pouco no valor do papel depois da guerra, os «novos ricos» se apressavam em dissipá-lo nos jogos immediatos. Era de ver, então, como eles afrontavam o povo com o seu luxo insolente e ás vezes criminozo. (Eu diria: — sempre criminozo.)

Nunca se viram acircular pelas ruas tantos automoveis, nem tantos diamantes a faiscar dos colos das mulheres. Os teatros regorjivavam de espetadores. Uma orjia pereue fervia nos restaurantes da moda. Pagavam-se 100 rublos por uma garrafa de champagne (200 francos); e os convivas divertiam-se a derrama-lo em ondas...

«A fim de se furtarem aos incomodos da lei contra o alcool, os grandes pasteleiros tinham «tostas de ferro» incumbidos de suportar por eles os mezes de prizio.

O processo Manassievitch Manouilf produzira grande escandalo A vida decorrira numa atmosfera de lucro e traição.

Durante esse tempo a fome se anunciava ameaçadora.

Não que faltassem á Russia os elementos necessarios á sua subzistencia; mas a impécia governamental, o sistema de veziatka levado ao cumulo, a avidez insaciavel dos açambarcadores e provaveis convicencias com o inimigo entravavam o seu abastecimento. Em dias de frio atroz — 82 graus Reaumur abaixo de zero, as mulheres do povo, as pequenas burguezas, as criadas das cazas ricas formavam cauda, das 3 ás 9 da manhã, em frente as padarias e aos armazens de assucar e de chá. As ultimas chegadas voltavam com as mãos vazias. Apesar dos elevados salarios que percebiam em razão da guerra, não raro voltavam á casa sem pão, os operarios.

Os artigos de primeira necessidade atinjam preços fantasticos.

A pequena medida corrente de batatas, que antes da guerra custava 15 kopeks (o fr. 35) era vendida agora por um rubro e 20 kopeks e por 3 rublos o 20 kopeks o fount de manteiga, ou sejam 16 francos o kilo. A mesma alta inconcebivel nos objetos do vestuario. As botas, tão necessarias nessas rejóias de neves profundas, custavam de 50 a 100 rublos (100 a 200 fr.), os borzequins de senhora, 60 a 120 rublos; os pobres sapatos das mulheres do povo, 25 a 35; o preço dos pymi (botas de feltro que usam os camponezes) havia triplicado. E assim tu...o mais. Leinha para os togóis faltava, e isso num paiz que é, como a Suecia, o mais rico da Europa, em florestas. Morria jente de frio nos apozentos sem lume. Mesmo nas cazas de um aluguel mensal de 2500 a 3000 rublos, o thermometro, durante os grandes frios, marcava 5 a 8 graus somente. A vida se tornava cada vez mais intoleravel.

Por essas e outras razões, o governo era odiado e uma irritação contra o Imperador, que mantinha tais homens no poder, começava a manifestar-se. Parecia que cada ministerio tinha o proposito deliberado de agravar a situação creada pelo seu predecessor.

«Ao incapaz Garémikine, cuja incompeténcia tornou possiveis um Miassayédoff e um Soukoulinoff, havia sucedido o jermanofilo Sturmer, que por pouco não concluiu uma paz separada com a Alemanha. Protópoff, o ultimo dessa sinistra trindade, foi talvez o peor deles.

Antigo vice-presidente da Duma, traidor ao seu partido, preposto de Rasputine, é hoje acusado de ter preparado a Revolução, afim de, com esse pretexto, obrigar a Russia a assinar a paz isoladamente. Neste proposito, ele renunciou á pasta do Interior. Abandonando a direção dos negocios jerais aos seus dois acolitos. Biliésky, antigo chefe de policia, ha alguns mezes vilmente comprometido no complot do monje Heledoro, e Kauslox, um dos assassinos do antigo ministro Stolypine, — entregou-se inteiramente á organização da policia. Em poucos mezes ela foi quasi dobrada. Munida de metralhadoras, muitas destas foram de antemão, dispostas nos telhados das cazas situadas no angulo das ruas e nos dos edificios publicos. Por meio de seus agentes provocadores. Protópoff pretendia fazer estalar a Revolução em 27 de Fevereiro, dia da convocação da Duma.

Teria assim uma justificativa para ezijir do Imperador a assinatura da prorogação dessa assembléa. O povo, porém, impediu-lhe essa manobra. O dia 27 transcorreu na mais completa calma.

Quando a Revolução explodiu o governo não na esperava mais.

Desgraçadamente, o Imperador se havia solidarizado com seu ministro. Foi, pois, victima da sua propria cegueira.

Quando nos recordamos da entusiastica recepção que lhe fez a Duma em 25 de Fevereiro de 1916, somos forçados a reconhecer que pouco lhe faltou para ser adorado. Advertencias não lhe faltavam tampouco. O sr. Rodzianko, prezidente da Duma, o homem que mais terá amado o Imperador, conservando-se fiel á canza do povo, multiplicava os avisos. E foi sempre repellido. O assassinato de Rasputine em caza do principe Yansopoff, que foi aplaudido até por pessoas da familia imperial, provava de sobra que o descontentamento lavrava em todas as classes.

Corria o rumor de uma proxima revolução palaciana. A nobreza obrigaria o Imperador a abdicar em favor de seu filho.

Eu me achava, então, no hospital do «Grand Palais» por odens solicias da Imperatriz. Acabava de ser operada, e minha convalescência terminaria em breve. Na vespera de voltar a Petrogrado, fui vizitar uma das damas de honra do palacio. Em termos discretos, mas bem claros, jeneralizando de proposito essa mulher de alta intelijencia e grande coração, deixou-me entrever o terrivel conflito que se travava em sua alma. Prevendo os acontecimentos e ligado por um longo passado á pessoa dos soberanos, ela deplorava «que aqueles que estão nos mais altos cimões do poder não admitam a necessidade de marchar com a sua epoca».

Aquela mulher, disse eu estou certa, fez nobremente ouvir, até a ultima hora, a voz da verdade.

Poucos dias antes da Revolução, o Grão-duque Alexandre, cazado com uma irmã do Czar, foi á presença do cunhado e lhe pintou a situação com as côres mais sombrias. Até a palavra abdicacão, foi, parece, pronunciada nessa occasião.

— E o meu dever? Que idéa fazes dele? — teria respondido o Monarca. Como o Grão-duque insistisse, mostrando a iminencia da Revolução, o Imperador tomou a cabeça entre as mãos poz-se a chorar. Lagrimas de Boabdil! Manifestação eterna dos fracos. Toda a conduta do Czar se esplica por essas lagrimas. (2)

(1) — Eis um ezeplio: conhecido banqueiro de Petrogrado rebêbu, pouco antes da Revolução, um telegrama por meio do qual um parente lhe pedia que fizesse uma importante compra de automoveis. E dizia-lhe mais que não o chissasse ao preço. Pois bem: o comprador ganhou, só nestas duas ultimas semanas, 7 milhões de rublos, (cerca de 15 milhões de francos).

(2) — Devo declarar bem alto que absolutamente não creio na traição do Czar, como não creio na da Imperatriz.

A libertação da mulher, quanto a mim, não deve ser uma questão especial, dentro da libertação humana. Si ela é explorada pelo homem, este o é também pelo seu semelhante. E na ordem capitalista, homem ou mulher vale o mesmo para se explorarem mutuamente.

Jean Grave.

RECEITA REPUBLICANA

Depois que eu mostrei ou lembrei, no A. B. C., de 11 de maio deste ano, que um dos males do orçamento da Republica, um dos seus cancores, é o serviço de pagamento de juros de apolices, o relator da receita, o sr. Galeão Carvalho, resolveu-se a somar em quanto elas importavam, e achou a estupenda quantia de 42 mil contos.

Mostrei também que, dado o tempo em que elas estavam rendendo premio, se podiam considerar como pagas; e um governo verdadeiramente popular só tinha um caminho a trilhar: consideral-as papel sujo e não pagar nem mais um ceitil.

Para mim, a soma ainda não está certa, pois apezar de não ter lido o parecer do illustre relator, julgo que não levou em linha de conta as famozas apolices emitidas para pagamento de construção de estradas de ferro e outras traquibernasias.

Hei-de verificar; mas, desde já, posso observar que a apresentação da quantia feita pelo illustre parlamentar santista, foi uma couza inocua. S. Exc. a mostrou e não aprezentou remedio algum.

Antes não dissesse nada...

Outra couza que trouxe á tona, foram as isenções de direito.

E' um outro escandalo com que é favorecida a nossa burguezia que, tendo todos os defeitos de todas as burguezias, tem ainda o massimo de todos: é bronca.

Grandes fabricas, grandes emprezas são aquinhoadas com isenções de direitos, para maquinismos e accessorios. Isto só favorece os capitalistas, pois os operarios e os proletarios que as servem, não têm por esse motivo aumento de salario.

Os uzineiros de assucar, com o Zé Bezerra e o Pereira Lima, na frente, gozam desse favor, alguns até de isenções de impostos municipais e estadoais, entretanto, os seus operarios e os pobres plantadores de cana ganham e continuam a ganhar uma miseria.

A alta do assucar só tem servido para enriquecer os burguezes e seus sequazes; e jámais ela melhorou os salarios dos operarios e dos plantadores. Estes, então, coitados! nem recebem dez tostóis, para trabalharem de sol a sol.

Essa jente de uzina de assucar sempre foi um flagelo para os respectivos paizes. Na Europa, para os beterrabeiros inventaram-se os tais premios de esportação; e a invenção redundou em prejuizo para as populações, (impostos, taxas, etc.) ganho para ella e os inglezes que tinham assucar muito mais barato que no continente.

As isenções de direito, nem todas são para o assucareiro sei, montam a 50 e tantos mil contos,



Cartas de Paris

Sebastião Faure, acusado pelos reacionários, ainda está preso.
M. Barrés e L. Daudet contra Faure, ou a reação triunfante.

Os senhores sabem: Sebastião Faure, o nosso incorruptível camarada, a quem, nem os acontecimentos desenrolados em Agosto de 1914, nem a «reificação» de tática até à proclamada por alguns dos que se diziam anarquistas, conseguia fazer arripiar caminho ou sequer enfraquecer na propaganda libertária, — Sebastião Faure, mercê da sua intranzijencia de principios, continúa prezo.

Sebastião Faure nunca pôde compreender como é que homens, alguns seus íntimos amigos, universalmente conhecidos, com graves responsabilidades como pensadores, publicistas, enfim, homens, cuja linha de conduta deveria ser um espelho e um exemplo para os novos propagandistas da idéa anarquista, tão lamentavelmente fracassaram, quasi renegando o seu passado de defensores duma nova sociedade, para se entregarem á defeza dumas tantas nações em luta, simplesmente porque elas lançaram aos quatro ventos, com a astúcia que lhes é peculiar, como um indizível «mot d'ordre» a ameaça da derrota da Civilização, do Progresso, o esmagamento pela raça jermanica, do génio latino, etc.

Mas, afinal, quem acuzava Sebastião Faure? A reação!... A clericalha, agora, em União Sagrada, braço a braço, com os políticos da estréma esquerda...

Para defeza dos direitos dos povos? Não!... Para defender a pátria ameaçada, isto é, para defender a burguezia, a finança, o alto commercio, as industrias...

Que se importam os governantes com as misérias do «seu» povo? Aqui como ali, ha políticos que entendem que a capacidade tributaria do povo não está, ainda, esgotada...

Dai, os seus constantes assaltos á bolsa do pobre contribuinte que dentro em breve fará um significativo contraste com aqueles miseráveis que na Grande Revolução acertadamente eram denominados por «sans-culotes»

Mas as repelentes criaturas que acuzam Sebastião Faure, acuzação sem baze, ou melhor cuja baze é apenas o ódio inveterado que todo o retrógrado tem ás modernas idéias que, dia a dia, mais se vão radicando na alma popular, não têm autoridade moral para proferir a mínima acuzação, seja contra quem fór.

Sebastião Faure está acima de toda a suspeita; a sua honorabilidade, a sua situação de combatente da desmoralização burgueza, não lhe consentiriam que seguisse o caminho pizado por aqueles a quem tão altivamente acuzava, e que nunca ouzaram, sequer ataca-lo.

Desde Mauricio Barrés a León Daudet, de Gabriel d'Anunzio a Henri Labrone e Berthoulat, o reacionario policia gratuito, nenhum teve pejo de acuzar Faure, depois de prezo. Labrone, deputado e redator assíduo do «Bonnet Rouge», que nunca chegou a esclarecer devidamente o assunto em que andou envolvido, considerado por todos, aliaz, como tendo entendimentos com a Alemanha, Labrone, diziamos, chegou a pedir, da tribuna da camara franceza, a pena maxima para Sebastião Faure.

Barrés e Daudet, não recuaram perante as mais ultrajantes acuzações, as mais abjetas e falsas calunias, para terem o supremo prazer de destruir o trabalho a que Faure tinha dado toda a sua grande alma de verdadeiro amigo da humanidade, e donde haviam de sair os homens saos de amanhã, livres das convencionais mentiras e da corrupção com que a educação e a instrução burguezas lhes contaminam o seu espirito juvenil: queremos referir-nos á «Colmeia», «a Ruche», onde as crianças viviam na mais fraternal harmonia.

Faure está prezo: isso não impede

que somados á importancia dos juros das apolices, dão cento e tantos mil contos.

E' esta vultuosa quantia que a burguezia nos estingue anualmente sob a forma de impostos sobre fosforos, banha, carne, etc. para a sua satisfação e ficar ainda mais branca. «Hodie mihi»...

Lima Barreto.

A minha atitude

Já tenho explicado a varios camaradas os motivos que me levaram a pleitear as eleições realizadas em 12 do corrente no Centro Cosmopolita. Entretanto isso não priva de que o faça agora publicamente, no proposito de justificar a minha atitude que, estou bem certo, já deve ter surpreendido aos camaradas que não conhecem a politicejam que ultimamente tem explorado situações delicadissimas nas quais, eu muito concientemente me envolvi.

Nunca perdi a noção das minhas responsabilidades associativas e tudo quanto tenho feito tem sido de acordo com os ditames da minha conciencia, certo de que procedo com lealdade, tendo em vista sómente os interesses coletivos. Nunca pleiteei eleições nem votei no Centro para eleger ninguém. Sempre me abstive cautelosamente de assumir responsabilidades como dirigente ou como partidario. Assim permaneci largo tempo, mantendo-me sempre numa sistematica opposição a todas as diretorias que fugiam ás suas responsabilidades, e que ligavam pouca importancia ao estado deploravel de oppressão e tirania em que se encontrava a classe. O meu espirito combativo dava-se perfeitamente bem entregue á faina de opposicionista a tudo quanto ha de ridiculo e reacionario.

Os nossos costumes associativos eram tão retrogradados e tão aburguezados que quem soubesse um pouco a questão operaria e prezenciasse os atos de posse das diretorias, em assembleas magnas, solenes ficaria enojado. A minha critica adiantou alguma coisa nesse sentido.

Hoje não se nomeam mais comissões especiais para conduzir os directores á meza da presidencia e parecem acabadas aquelas exhibições estupefacientes de alguns companheiros iluzionistas.

Entretanto devo confessar que uma associação que se reje por uns estatutos como os nossos e tem á sua frente uma directoria reacionaria, pouco valor tem, uma opposição inteligente, por que facilmente pôde ser amordaçada ou não se observam as deliberações que ela consegue arrancar das assembleas. A reforma dos estatutos e uma medida urjentissima que se impõe que não haja possibilidade de deter a marcha evolutiva da associação. Esse é um dos motivos porque eu resolvi entrar a fazer parte da directoria do Centro. Não foi possível durante esta administração tratar-se desse importante assunto devido ao muito trabalho que tivemos.

Eis, porém, que a ultima hora surge um grupo de companheiros, alguns deles meus amigos particulares, que um jesto irrefletido ou de refinada má fé, pretendiam de uma maneira humilhante colocar-me á margem. Numa reunião que realizaram, rezolveram não pôr o meu nome em nenhuma chapa sob alegações que feria a minha dignidade e punham em duvida a minha conduta. Não me importava deixar de figurar em qualquer chapa sempre que os seus autores não formulassem alegações duvidozas e accentuadamente calunniadoras que me podiam colocar numa situação moral insustentavel.

Eis porque rezolvi, mais uma vez figurar numa chapa eleitoral, com o firme proposito de varrer a minha testada, e ao mesmo tempo guiado por intenções renovadoras.

Raymundo Rodrigues Martins.

que ele viva em nossos, corações, não como um fetiche mas como um verdadeiro anarquista. A condenação de Faure, foi a sua victoria; Faure na sua prisão, vive no nosso espirito; dá-nos animo para proseguirmos na propaganda do ideal anarquista, como único que fará a felicidade humana.

Faure, o defensor do povo, interessanos. Pois que ha trinta anos que combate a religião, todas as religiões, quer pela palavra, quer pela pena, quer pelo exemplo, Faure vive conosco.

Não haverá acuzações que o esmaguem, condenações que o aniquilem.

Nós nos descobrimos perante o anarquista que, em nome de um ideal a que tem dado toda a sua vida de apóstolo e tribuno, arrisca a sua liberdade e a propria existencia pela obra humana da paz, e pela maior e mais nobre das idéias, que é a Anarquia.

24-5-918

J. Benoit

d'A AURORA do Porto

AVE! UNITS STATS!

Salve! Apojeu aurifulente da democracia universal! Apanajo imorredouro da Civilização e do Direito! Olimpo dos maiores Deuses da Atividade Humana! Berço de Monróis e caçadores peritos! Auro-planeta, cujos satelites começam agora a movimentar-se, equilibrados pela força de atração dolariana e das influencias harmonicas do Grande Elius-Wilson! Oh! Alemanha do futuro! Oh! paiz soberbo! Auro inespugnavel das Liberdades Humanas! Anfiteatro dos denodados Cavaleiros da Liberdade, a invita associação patriótico-capitalistica, perseguidora contumaz e aguerrida, dos amigos da paz e da anarquia, dos homens do trabalho que lutam pelas suas reivindicações! A heroica Lejião que em Wais Montana, a 3 de Agosto do ano findo, enforca a Frenp Liter, por pregar idéias boas! Falange democratica que no mesmo ano, prende 16 operarios, e os põem nus, pinta-os de pize, cola-lhes penas no corpo e os solta no mato, vindo a morrer 12 desses bandidos. Os bravos Civilizadores que executam na cadeira electrica (nesse Grande Paiz—Modelo, tambem ha pena de morte...) o organizador proletario Jeil Scut.

Eden miraculozo onde, pelo mesmo motivo, é linchado na praça publica com o aplauso das autoridades, o trabalhador J. Frjjer.

E mais:

—Na região Montana foram pre os 1152 mineiros grevistas, e só prestando uma fiança de 400 dolars, serão postos em liberdade.

—Em West, por pertencem ao Sindicato Industrial dos Trabalhadores do Mundo, foram igualmente encarcerados, 185, sob as mesmas condições dos seus 1152 companheiros.

—Em Scatte Vausk, foi a sede duma associação operaria invadida pelos acceas do Maior Homem do Primeiro Paiz Norte-Americano do Mundo, sendo roubados todos os objetos de valor, queimada toda a mobilia e prezos 300 associados.

—Em Patersons assaltaram o jornal Era Noza, roubaram o que de melhor encontraram, queimaram o que puderam e prenderam os redatores.

—Em Washington, com o auxilio da policia, prenderam 1128 operarios por terem realizado um comicio contra a guerra. E como os mineiros, somente voltarão á liberdade, por meio de 400 dolars.

—Em Chussmans, o jornal Cronica Subversiva, teve prezos os respectivos redatores e queimados moveis, arquivo, etc.

—O Proletario, de Bonston; La Aristosa, de Brooclyn e Solidariedade, de Chicago, idem.

—Em Chicgo, por pertencem ao S. I. T. M., prenderam 112 operarios.

Avé! terra em que a raça negra só não é menosprezada em tempo de guerra, e onde como em toda parte, o povo só tem direito a ser o secular bóbo de feira e a morrer atolado no lamaçal de sangue das trincheiras, em proveito dos caprichos canibalescos, e dos interesses economicos, dos seus verdugos de sempre!

Salve! Units Stats! Salve! Paladino da Concordia Universal!

Salve! Salvo!...

A'S GRE'VES

Não obstante as medidas de violencia dos governantes e das disposições defensivas do capitalismo, as greves se multiplicam. E' que os greves respondem a causas profundas; são a consequencia insofismavel de um estado economico deploravel... Demais os fenomenos economicos desta natureza, como abarcentes que são de certo radio social, tem suas leis de desenvolvimento e seus fatores definidos, bastante familiares ao sociologo.

Aqueles que supoem a existencia de greves artificialmente provocadas por ajudadores profissionais, ou que julgam haver possibilidades de impedi-las por meio de uma legislação inteligente, equivocam-se duma maneira lamentavel. Os conflitos economicos, muito embora outra coisa pareçam ao observador dilatante, não são o resultado duma vontade conciente, nem fruto dum capricho do proletariado organiza lo.

Ha quem acredite que a lei pode conjurar as greves; que é tal o poder de sua influencia, que uma vez sancionada, os conflitos desaparecem lentamente e que em lugar destes florece a conciliação entre o capitalismo e o trabalho. Iluzão vã!...

Uma vez que as leis que se possam manufacturar, não ataquem de rijo os privilegios do capitalismo —coza impossivel—; não suprimam a cauza do mal; não retifiquem a injustiça evidente de que certos homens possam impunemente explorar em seu beneficio proprio a energia e a inteligencia de outros homens; enquanto imperar o salariato, —não haverá paz social, não poderá ha-la, pezar de todas as leis de arbitragem obrigatoria, ou outras quaisquer leis com as quais nos queiram «obzequiar» aqueles cujos interesses, neste caso, são diametralmente opostos aos nossos. Diametralmente! Terminantemente!

14 DE JULHO

Latino Coelho escrevera algures estas frases que bem merece citar-se na epoca contemporanea: «Ha oitenta anos realizava-se, com a tomada da Bastilha, a revolução burgueza; hoje prepara-se a revolução dos proletários».

Quem observa os successos prezentes, reconhece a precencia historica do escritor que, lucidamente, tanto preconizara os fundamentos da democracia.

Realmente, os fatos de 14 de julho de 1789 assinalam a movimentação das massas em rebeldia contra as usurpações dos potentados. A conquista de direitos arrastou uma população inteira á luta titanica contra o despotismo e a oppressão: cinco seculos de insidias e prepotencias atenuaram a plebe sofredora e ruíram entre hinos de redenção á queda da Bastilha.

Mas, foi uma prova de sangue a destruição da dinastia franceza; foi um estendal de agonias a victoria da liberdade. O que se passou em França, compendia angustias e horrores, avultados á sinistra vermelhidão da guilhotina: — vitimas sacrificadas ás selvagerias da iniquidade; assembleas tumultuosas abanando, em pugnas sanguinolentas, os protestos do direito do homem; governos subindo entre os ataridos de aclamações festivas e rolando, depois, á repressão violenta de crimes infames.

E essa confusa dezorden rezaava das hostilidades travadas entre principios saos que as massas queriam solidificados e a apostazia de preceitos estabelecidos a favor dos cidadãos e a validade da salvaguarda publica. Foram, por isso enegrecidos os dias da Revolução; ela atravessou a Convenção, o Terror, o Terminus e o Directorio, e escreveu, apenas, os mandamentos da democracia que carceraram de execução: — a ambição napoleonica entrou a cevar-se sobre os escombros de uma nação dezarravada e fez estacionar a avancada de utéis ideais com a implantação de um imperialismo sufocante.

Veiu Napoleão, repartiu a Europa pelos seus parentes, dominando o mundo a seu talento, com perseguições e arrogancias; veiu o Congresso de Viena que espezinhou o principio das nacionalidades. Depois, a Inglaterra, esfaimada, alastrou seus domínios coloniais; a Polonia sofreu a mordada dos fortes; a Belgica suportou aljemas. Comoções intensas sacudiram as nações; lavrou a reação pelo Direito e sopron dentro dos territorios o vendaval libertario; a Espanha ajitou-se, a França ajitou-se, Portugal ajitou-se e até a Italia ajitou-se.

A Revolução continuava a influir nesses movimentos que vivavam a realidade dos dogmas democraticos. E' que ela ampliatra ás camadas a noção limpida das prerogativas da plebe; e que ela estabeleceu claro a equaldade proscrevendo a distincção de classes e refugando os privilegios sociais. Os povos clamaram, então, pelas doutrinas de 1789 e obrigaram, á força de grandes prcações, os maiores a lança-las nos codigos das nações; o poder, cedente de ambições, sofismos as castas politicas, afincando-se no despotismo em nome da autoridade e mistificando os principios ao amparo das posições.

Novas convulsões abalaram os paizes; as chancelarias teciam as guerras, favorecendo seus caprichos, as cortes urdiam as usurpações, supondo estar os tronos. A burguezia tentava imperar á antiga; a corrente social acasalava a pregar a era nova.

E as sociedades assistiam aos aspectos novos das lutas internas dos estados. As festas coroadas começaram a ser apeadas dos seus tronos; a realca decaía da sua magnificencia passada: — e o aristocracismo foi pedindo já o muzeu das antiguidades que enctre suas ridiculas pragmatias. O direito divino dos monarcas sumia-se por inteiro e o poder Papal enfraquecia-se com o deaparecimento das relições de estado, a verificação da liberdade de conciencia e a perda dos seus varios estados.

A obra da Revolução, incompleta e defraudada, conseguiu modificações no destino dos povos; o 14 de julho avultou como o marco da renovação politica. Deturpados, porém, se tornaram os conceitos assentes após a queda da Bastilha; as monarchias acumiam as suas armas contra a democracia e manejam todos os processos de arbitrio; as republicas, profanadas, mascaram-se em oligarquias de usurpadores onde se aniquila a verdade e cometem vitandas ao sabor dos senhores do mundo. Os vitandios avultam e os liberticidios campeiam; erece o deenfreado das ambições contrastando com as lamurias dos oprimidos em estremeções de raiva e de dor. E as rivalidades duplicam, pelejando as classes em demarcarem as fórmulas de problemas sociais que ficam, unicamente, em equação e não re obtido porque a autoridade mistifica e abusa

A tomada da Bastilha realizava a revolução burgueza; não a conseguiu, por completo, mas preparou a revolução dos proletários. O mundo trabalhador desenvolveu-se e esclareceu-se; a burguezia, inda existente sob aspectos desfigurados recebe do operariado energias reclamatórias e cede, tolerando, á força das circunstancias, o direito de greve e esboçando os codigos das fabricas. E' uma fase de remodelação social, embora ainda se accentuem resquícios de absolutismo através a publicos dos governantes mentindo um apego ás liberdades, abastardados no trafico de interesses: é um periodo de transição politica, apesar de se fotografar a supremacia de manatias, cujo apojeu se apregoa para que ninguém lhes averigue as pantomimicas e falsidades.

Nesta hora ha previsão de que, após a guerra que nos acabrunha e abate, virá radical transformação nas nações e nos governos. Muita jente o tem dito mas sem assentar-lhe as determinantes. Como succederá? Pelas arengas calculadas dos Loyds Georges ou as discursivas repetidas dos Wilsons? Por uma natural evolução? No momento atual, enquanto uns morrem defendendo a civilização da barbaria jermanica e outros paíceem as consequencias da luta internacional, a especulação, origem desta conflagração que pro-

veiu de uma disputa de mercados, agambarca e auffer lucros da fome e da carestia. Isso, porém, demonstra que, findo o grande prelio, outra aura soprará e outros serão os tímios que têm de nortear os paizes cultos.

Donde e como brotará essa mudança preconizada? Efectivando-se as declarações do cidadão nacido do epizodio dantesco da tomada da Bastilha? Kropotkine estudando os efeitos da Revolução Franceza, previu uma violenta revolução no mundo, como a idéa Heine, o poeta do «Reisebilder», e interrogou: «Qual será a nação que se destacará por uma terrivel e gloriosa revolução proxima?». E conhecedor da sua terra, acorrendo ao direito divino do Czar, macerada do acitamento do chicote, respondeu: «Pode-se acreditar nalgum momento que seja a Russia, mas se essa revolução fór além de uma simples detmitação do poder imperial... não o sabemos. Diz-lo, pertence ao dominio das profecias».

O que se desenrola na grande Russia recente, historicamente, a revolução franceza, delinear-se-á ali a revolução do proletariado? Difícil uma conclusão quando a guerra nos deixa perceber em sua nitidez os fatos lá occorrentes.

Seja como fór, do oriente parece se levantar a coluna de fumo que, no porvir, indicará as jerações que o 14 de julho de 1789 significou uma cintilante ligação ás sociedades modernas. A recolta da burguezia operou-se e a do proletariado desenvolveu-se neste seculo, confirmando a asserção do escritor luso.

Os fatos, hoje, jizam enormes ensinamentos e está a dizer aquela famosa apostrophe de Bossuet á corte de Luiz XIV, narrando o trajico do desfecho de Carlos I: — «Entendei, ó grandes da terra; aprendei, ó arbitros do mundo».

Teodoro Magalhães

“O COSMOPOLITA”

O COSMOPOLITA para viver precisa do concurso de todos os seus amigos.

A assinatura paga pontualmente o auxilio mais eficaz que lhe podem prestar. Assinatura anual: 5\$000

OS MASSIMALISTAS

Quando na ultima assemblea realizada 2º feirs, 12 do corrente, appareceu a chapa dos progressistas que militam no Centro Cosmopolita com a denominação de «chapa massimalista», os que constituem o grupo conservador, finjiram-se apavorados e pretenderam alamar os incautos com o tal epigrafe. Sabemos bem, que a falta de argumento para justificar uma determinada atitude, leva os individuos a fazer uma série de difamações contra os adversarios.

Isto, quando ha muita falta de intelligencia e pouco escrupulo. Pois bem, para tranquillidade das autoridades publicas e dos companheiros que tão facilmente são apavoráveis com simples e inofensivas palavras, vamos dizer aqui por que nos chamamos «massimalistas».

Não se trata de começar uma revolução russa fomentada por trabalhadores em hotéis. O nosso intuito foi definir dois grupos que disputam a victoria eleitoral. E como nós temos a certeza que trabalhamos pelo massimo das conquistas da classe, apropriamos da expressão «massimalista», que sustentaremos apesar da grita dos vendidos, que tanto interesse têm demonstrado em comprometer-nos com as autoridades.

Somos «massimalistas» por que queremos sustentar o que está feito e fazer obra renovadora.

Aproveitamos a oportunidade para constestarmos aqui as alegações feitas pelos «minimalistas» dizendo que todos os que votaram na nossa chapa foram «lavadores de pratos e pessoal miúdo». Mesmo que isso succedesse estavamos muito satisfeitos com a esmagadora victoria que obtivemos, entretanto devemos dizer que tivemos o apoio não só «de jente miuda» se não tambem «da graúda».

Por exemplo, votaram na nossa chapa, caixeiros da casa Heimke que estiveram na reunião, Sul America, Brazil, Grand Hotel, Hotel Avenida, Vila de Barcelos, isto, para não citar mais, basta. E da cozinha o decano dos cozinheiros, e ao qual profissionalmente quasi todos os chefes precisam render homenagens.

Quem votou nos «minimalistas»? Todos os socios do Centro que, na sua maioria, nunca tomaram parte em assemblea e que pela primeira vez passaram nas suas portas.

Cs nossos são convencidos, não votam coajidos por quem quer que seja.

E os «minimalistas»? Eles que respondam.

Os massimalistas.

As eleições do C. C.

Ninguém esperava que as eleições realizadas no Centro Cosmopolita, em 12 do corrente, para a nova administração fossem tão entusiasticamente disputadas. A impressão era de tal forma dezanimadora que parecia não haver ninguém dezojeiro de fazer-se candidato. Entretanto, á ultima hora, apareceram nada menos de 5 chapas para serem sufragadas.

Numeroza era a concorrência de associados á assembléa, no cumprimento do seu dever, e os animos entusiasmaram-se logo, com o numero consideravel de companheiros que se dispunham a enfrentar a situação, pondo todas as suas energias a serviço dos interesses corporativos. A chapa que surpreendeu a assembléa e que mais entusiasmo despertou nos associados, foi sem duvida a que se denominou de «massimalista» aparecendo como definindo um programa de opozição, a uma outra que já circulava pela assembléa e muito acertadamente se podia qualificar de «minimalista». Estava portanto estabelecida a luta entre duas correntes que disputam, prevalecer na orientação do Centro. Formaram-se logo os partidos entre a assembléa. Uns, os que pretendiam ver o Centro proseguir na sua marcha gigantesca, os que não se conformam em submeter-se a toda a sorte de baixezas e querem proclamar as suas aspirações de justiça, apoiavam entusiasmados a chapa «massimalista», outros, os que são partidários da resignação, que não gostam que a verdade seja proclamada e que pretendem estacionar a evolução naturalissima do Centro Cosmopolita prestijavam a chapa «minimalista». A disputa da victoria eleitoral estava portanto estabelecida entre duas correntes, uma evolucionista, a outra conservadora. A's 10 horas da noite, mais ou menos, o presidente do Centro, abre a assembléa. Depois de ser explicado o fim da mesma, o secretario, procede á leitura da ata anterior, sendo aprovada. O tezeourei faz ciente á assembléa que a questão da letra do banco Ultramarino, que tanto escandalizou os puritanos, e tão explorada foi pelos despeitados, estava definitivamente liquidada. Entra então o companheiro secretario do Centro, que não se achava presente, e pede a palavra para tratar de uma questão de honra. Defendeu-se então de alegações que haviam sido formuladas em torno da sua individualidade, a proposito de uma chapa que tinha aparecido com o seu nome para secretario. Um grupo de politiqueros, —esclama o orador—, pretende fazer acreditar que o meu nome está desprestijado na classe, devido á questão do tezeourei, hoje felizmente, solucionada. Solução essa que me fez criar forças para enfrentar os meus adversarios. Isto, não por que houvesse algum remorso de consciencia que me privasse de dizer a verdade, mas sim a desconfiança que tinha no juiz que a classe pudesse fazer da minha conduta. Oultrossim, que havia alguma gente que estava explorando a questão para deixar-me a margem nas lutas do Centro, de uma maneira vergonhosa. Não me conformo com o procedimento desses companheiros que arvorados em mentores da classe teriam o meu amor proprio.

—Não me submeto ao conceito desses companheiros e dezoje saber se de fato a classe está com eles, e então tranquillo estudando os homens a travez do livro, julgarei de quanto são capazes...

Terminando o companheiro Raymundo, a sua justificação tratou-se logo da escolha do presidente que devia dirigir os trabalhos da assembléa. Sendo feitas neste sentido varias propostas que não são aceitas. A falta de tino do presidente da mesa, origina um pequeno desentendimento entre a assembléa.

Depois de alguma relutancia é escolhido o companheiro Jesus Bouzon Ricon para presidir os trabalhos. Depois de estar organizada a mesa eleitoral procedeu-se á eleição da comissão de poderes.

Terminada essa questão preliminar, o presidente Bou on Ricon dá 10 minutos de prazo aos associados para munirem-se das respectivas chapas.

Esgotado esse tempo, procedeu-se á chamada dos socios para a votação. Os trabalhos corriam calmamente embora fosse logo notado a estrondosa victoria dos «massimalistas». Conhecemos perfeitamente o temperamento do companheiro Jesu e devido a isso previamos qualquer dezintelligencia entre ele e a assembléa.

Não tardou em confirmar-se a nossa previsão.

Estavam quasi terminados os trabalhos quando depois de constatar-se a esmagadora victoria dos «massimalistas», o presidente comentando o resultado das eleições di uma série de asneiras que irritam a assembléa. Depois de terminar o companheiro Jesus, o camarada Raymundo pre idente da chapa vitoriosa contesta os comentarios absurdos que o mesmo formulou a proposito do resultado da eleição. Apoz isso, estabeleceu-se uma pequena confusão a proposito de um aparte do companheiro Jesus que feriu o amor proprio dos trabalhadores subalternos da cozinha.

Em consequencia da confusão estabelecida na assembléa devido a falta de tino do companheiro presidente, ninguém mais se entendeu. A chicana empregada pela mesa que na sua maioria se compunha de elementos «minimalistas», contra a apuração do companheiro Raymundo, motivou este um gesto que anulou as eleições retirando-se da mesa o presidente. Estando a assembléa ajaditissima com o procedimento do companheiro presidente e com a attitude pouco parcial do companheiro José de Carvalho alguns dos seus membros tentaram ir a vias de fatos.

Entretanto a calma dos camaradas mais responsáveis no que pudesse acontecer trataram de apaziguar os animos, sem que com isso lhe fosse possível evitar algumas tentativas de agressão contra os companheiros a que já nos referimos.

Somos forçados

a protelar para o proximo numero, diversos artigos de colaboração. «Missivas destoantes» e o Folhetim.

PERVERSÃO DE SENTIMENTOS

(Oh! a justiça da historia!)

DIALOGO MACABRO

Por Constancio Romeo

Tradução de U. d'Avila.

(A cena passa-se num Santo Hospital de Caridade)

QUADRO UNICO

O juiz — Doutor, creio que não ha mais esperanças de salvar a vida deste homem; não é verdade?

O medico — Senhor juiz, não desesperemos: sou de opinião que ainda resta alguma... Deixe ver, bom amigo (*dirijindo-se ao ferido que jaz no leito sofrendo horriveis dores*); vejamos, vejamos essas feridas... (*Examina-o*). Vamos, homem, não ha por que desesperar. Tenha paciencia, que aqui o curaremos.

O juiz — Que lividez espantosa! Parece já um cadaver!

O medico — Por enquanto eu não posso dizer, senhor juiz, de modo afirmativo, que o salvaréi; eston, porem, quasi certo de o conseguir, em vista da favoravel mudança que se nota no operado, de hontem para hoje.

O juiz — Doutor, a justiça tem absoluta confiança em vossa abnegação e em vossa ciencia.

O medico — Temos a nosso favor a sua admiravel constituição fisica; pois como v. ex. vê, é um bello rapaz.

O juiz — Sim, é verdade. E, coiza estranha, durante os largos anos de exercicio da minha profissão, tenho observado que os criminozinhos, em sua maioria, gozam de inovelável saúde.

O medico — Ezato, senhor juiz, essa jente mui raro precisa de nossos serviços; costumam ser fortes, integros...

O juiz — E isso porque será?

O medico — Que dirá a v. ex.?... o exercicio... talvez...

O juiz — Enfim, senhor doutor, procedamos como bons e taçamos quanto humanamente fór possível, por curar este passaro (*referindo-se ao ferido, a quem examina*). Não sei, não sei; mas não confio muito em que se saia... Observe: seu rosto se altera, a palidez aumenta e parece que vai espirar!...

O medico — Nada disso, senhor juiz. São os caracteristicos da reação que nele se opera. Esperemos.

O juiz — Seria um grande transtorno para a justiça, si este homem morresse dessas feridas...

O medico — (*Como que ofendido em sua dignidade profissional*). Si ao senhor juiz lhe parece, pode ordenar a celebração da junta medica, deziguando para isso a alguns dos mais celebres dos meus colegas...

O juiz — Acato a idéa. Sim, devemos apelar para todos os meios, sem reparar em sacrificios, com o unico fim do salvar a vida deste homem. Seria uma lastima... Um tão grande criminozo!... Ele assassinou o piedoso e opulento banqueiro Freire!...

Incontestavelmente foi um grande contra-tempo e uma verdadeira tolice de sua parte... Que necessidade tinha ele de cair sobre as rodas d'aquella auto-movel?...

O medico — Que quer v. ex.? Sim duvida, foi pretendendo escapar a ação da justiça.

O juiz — Isso é indigno. Ninguém, por muito culpado que seja, deve tentar iludir a ação da justiça. Não faltava mais nada! Mas que vejo, doutor?... este homem agoniza... este homem morre!...

O medico — (*Inclinando-se sobre o leito e examinando o ferido*). Qual o que, senhor juiz. A reação continua... Era essa justamente a minha esperança. Salvou-se!

O juiz — Como? E' possível que esteja salvo? Que pezo enorme tira-mo o senhor da consciencia com essa fraze!... De modo que vamos contar com o homem...

O medico — Sim, senhor juiz, sua invejavel constituição fisica venceu na reação operada e salvou-se, ora ai está!... Agora está fora de qualquer perigo e dentro de breves dias estará completamente curado; e, chegado o momento, a justiça, em nome da lei, salva-guarda da sociedade, poderá conduzi-lo ao cadafalso, onde o verdugo, em obediencia á nossa lei, destruirá em breves segundos minha scientifica e humanitaria obra, degolando-o...

O juiz — Senhor doutor, a lei o ordena, a sociedade o ezije e a justiça vela por ambos!

PANO

Comentarios? Só um acode aos dardos de nossa pena, e é este: Que coiza iniqua é a lei, que sociedade infame e como é grande a perversão de sentimentos nos homens que representam instituições autoritarias!

Lejilação social e o operario

O operário, em vez de se preocupar tanto com a lejilação social, deveria antes crear novos costumes com as suas proprias iniciativas, com a sua propria atividade. A confiança nas leis mata a atividade do individuo, porque este costuma-se a esperar tudo do alto e não atúa diretamente.

Sabeis o que resulta da chamada lejilação social? Resulta transformar-se em patrão o Estado burguez. E' o que temos visto na França e na Italia, onde se to-nou por socialização o que não passa de estatização.

Se não estamos em erro, as linhas férreas em Italia são propriedade do Estado. Pois a isto chamaram todos, incluído os proprios socialistas, socialização dos meios de transporte.

Mas que socialização é esta, que não põe o produto á disposição do produtor? Acazo, com este especial sistema de socialização, o operário viaja de graça em comboio ou pelo menos tem sempre primeira classe?

A's companhias de caminhos de ferro, com os seus acionistas, succedeu o Estado com a sua burocracia, com a agravante demonstrada da produção do Estado ser mais cara e peor, por ser filha do monopólio.

A verdadeira socialização consiste na produção passar para as mãos dos sindicatos de officio.

E o mesmo pôde dizer-se da municipalização de certos serviços. Nada disto é socialismo, nada disto é emancipação operaria ou tende sequer para essa emancipação. Isto apenas faz crer aos operarios que a lei ou o Estado tem uma virtude progressiva que não possuem, que não podem possuir, porque o Estado—nada tem proprio, vive do contribuinte, estrae do Capital uma parte dos beneficios que este Capital arranca ao trabalho, e, por este fato, vivendo indiretamente da exploração do operario, está diretamente ao serviço do Capitalismo que lhe paga.

Por cada serviço que o Estado ou o Município presta, cria-se uma burocracia de parasitas — e isto ainda mais agrava a escravidão economica do proletariado. Quando o Estado parece favorecer em al-

guma couza a classe trabalhadora, só o faz aparentemente, para encobrir a verdade, para mascarar a sua impotencia, para tentar fazer ver que o Capitalismo se preocupa com a sorte dos seus escravos. Na realidade, o Estado não quer suprimir essa escravidão, porque isso seria suprimir-se a si proprio. O Estado apenas procura iludir os escravos do Capital, embalando-os com fantazias, para lhes paralisar as suas reivindicações, para lhes anular as suas iniciativas.

— O caso, que não oferece duvidas — escrevia o socialista italiano Enrico Leoncao — é este: todas as formas de produção, tanto a servil como a feudal, tanto a comercial da Edade Média como a capitalistica moderna, tiveram a sua lejilação, que pôde chamar-se social. *Mutatis mutandis*, as reformas economicas que a burguezia vai hoje escolhendo — de braço dado com o socialismo reformista a favor das classes trabalhadoras, tinham-nas escolhido já outras classes dominantes em outros periodos historicos e em diversissimas formas de produção... Este jôgo da lejilação social dura ha muito tempo e actualmente assume um carater e uma forma bem mais perigosos do que nas edades passadas. Com esta dilerença: enquanto na Edade Média a lejilação social, quando ezistia, importava em reais vantagens economicas para as classes trabalhadoras, hoje redundia em uma fôrça contra essas proprias classes trabalhadoras. A burguezia actual, surgida das ruínas da produção medieval, encontra-se tendo em frente de si, compacta e organizada, a classe trabalhadora, e, para lhe suavizar as aspererezas, para lhe atenuar a fôrça de resistencia, procura iludi-la e desvia-la da consciencia da sua fôrça, atirando-lhe um osso para roer. E este jôgo é tanto mais perigoso quanto a burguezia o realiza de perfeito accordo com aqueles mesmos que se dizem amigos dos trabalhadores.

E' por isso que estou convencido de que o reformismo socialista, em vez de ser, como querem Ferri e Leone, uma fôrça util de divisão do trabalho na concessão e na ação socialista, é antes uma fôrça de pensamento contraria ao proprio Socialismo

Couzas...

De se lhe tirar o chapéu

—A mensagem enviada arbitrariamente á Camara dos Deputados, pela U. J. T. sem que tivesse sido submetida a apreciação das assembléas das associações federadas, além de constituir um documento vergonhoso para o proleteriado cenciente que se preza do seu espirito revolucionario, inovador e por conseguinte antimendigalista e anti-raculista.

Mas tem sido fecunda a reação.

—Varios camaradas aproveitando-se da condescendencia do camarada que fizára a receber, no Centro Gallego, os ingressos do ultimo festival, lá entraram sem ter contribuido com a quantia respectiva, estando em condições de fazer.

Belo ezemplo não ha duvida.

Que levam agua no bico

—O projeto do deputado Nicaur sobre a mobilização dos estrangeiros. Vejo atravez dessa nova attitude do denegoz palrador da Gloria-Copacabana, ou uma magnifica cavação, ou então uma provocação da qual pretende o homem do conto e quinhentos, obter resultados fabulozos, de parceria com outros colegas de officio.

E tú Braz Bocó, que achas?..

—Os intuites que animaram a dualidade manufaturadora da mensajem-mendigalista e as muéttas a que se apegam todos os que pretendem justificála.

E lá se foram de vez, certas portas da Cathedral, marmorea escadaria do Monrói

Fôra do serio

—O bando precatório-menstro projetado pelos mendigalistas, para amortização da divida eterna e consequente atastamento do Brazil da guerra, bem como o dezenvolvimento da agricultura, industrias e o diabo a oito. Contudo o meu aplauzo sincero e dezinteressado.

—Andar todo mundo a dizer, ai, por toda a parte, que o Commissariado da Alimentação Publica é um engodo, um meio de se agradar o sr. Leopardo Biliôis.

Que linguas ferinas! Pois não teem os jeneros de primeira necessidade decido gradualmente para cima?

Quanta falta de patriotismo! —E'se bé».

O terceiro festival do G. T. C. S.

Bela noitada de propaganda. Concorrecia animadora. Jozé Elias duma felicidade unica, na sua, um tanto longa, mas atraente dissertação a proposito do sublime feito historico que empolgou a negregada epoca do feudalismo: o disvirtuamento do carater sobejamente popular da revolução, pela astucia fidagal dos Dantons e Robespierres, ardilozos portavozes da burguezia triunfante: a comuna de Paris e a revolução russa. desdobramentos heroicos da convulsão impetuosa e carateristicamente transformadora, do seculo que foi a preliminar da luz de conquistas grandiozas, e do periodo infinito do principio da harmonia, que é o periodo infinito da anarquia, de que já se nos deparam os primeiros albores.

A parte teatral, ezecutada fielmente, e interperada a contento, consôu, consoante noticiamos, de um bom entreato dramatico em verso: uma eccelente paródia á «Epidemia» de Mirbeau, «charje» de um comico irresistivel a couzas e tipos de atualidade, e uma interessante revista-escapelo, em que foram descarnadas varias pustulas, rindo todos a bom rir.

Ouve tambem, como estra, um sujeito quadro simbolico cujos personajens são: Governo, Povo e Sociedade.

O ato de poezias («Subservivas») correu regularmente.

E passava já da meia noite, quando terminou o educativo e agradável festival.

CAFE' E BILHARES MINISTRO

Perfecto Gonzalez

Arcos, 24

TELEFONE C. 2462

Aberto até 1 hora da noite

Operarios: — adquire o quanto antes, ma ou mais ações do jornal para atrabalhadores que vai ser dado á publicidade ne-capital.

U. J. dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Secretaria: Acre, 19

SÉDES DOS SINDICATOS ADERENTES

União dos O. em Fabricas de Têxtils — Rua Acre, 19. Telefone C. 5754.

Sindicato dos Operarios das Pedreiras — Praça Tiradentes, 71.

União dos Metalurgicos — Rua Teofilo Otoni, 81.

União dos Officiais Barbeiros — Largo do Rozario, 34.

Sindicato do Entalhadores — Rua do Senado, 215.

União dos Operarios em Calçados — Rua da Constituição, 21.

União dos Alfaiates — Rua da Alfandega, 182.

União da Construção Civil — Rua Gomes Carneiro, 14.

Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas — Rua do Senado, 215

Liga Federal dos Empregados em Padaria — Praça Tiradentes, 71.

Centro dos Operarios Marmoristas — Praça Tiradentes, 71.

Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabacos — Praça Tiradentes, 71.

Centro Cosmopolita — Rua do Senado, 215. Telefone C. 1499.

União dos Chapeleiros — Praça Tiradentes, 71.

União dos Maquinistas em Serria, Marcenaria e Carpintaria — Praça Tiradentes, 71.

Companheiros!

Subscrevei o emprestimo lançado pelo Centro Cosmopolita.

Precizamos honrar a confiança que nos depositaram as associações co-irmãs.

Cada ação custa 10\$

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas
**Polar,
Cascatinha,
Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na
propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio
Branco 30



GARIBALDI
Pitoresco parc ao ar
livre
(Entrada pela rua da Consti-
tução 53)
TELEPHONE C. 1673
Rio de Janeiro

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de
Minas, mingaus, gemadas e ceias
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo
R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina d
Rua Barão do Rio Branco
TELEPHONE: C. 3750

RIO DE JANEIRO

NÃO HA DUVIDA que é na CASCATA DO MINHO

a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do
Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a pre-
ços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...

RUA DO LAVRADIO, 11 - Telephone C. 4725

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
Aguas de Meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J Ferreira & C.

**Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva**
PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
* SEMPRE NA PONTA *
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excluzivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77 Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das
Aguas de Mez

Solidarios com os companheiros da Associação de Rezistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anecsas, na
luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, sus-
pendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma
centena de trabalhadores, por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste ezemplo de
deslealdade e tração á cauza proletaria. Os empregados de hotéis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem
conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclimação dos seus empregados
Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços a mais estreita afinidade e sentimentos e de interesses porque
como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios
ociozos que nada porduziu em beneficio da humanidade, uzufrem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalia á Brahma, não
vendamos os seus produtos!